



Misoginia e exaltação da mulher em obras literárias clássicas da Coroa de Aragão

Misogyny and exaltation of woman in classic literary works of the Crown of Aragon

ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS
aasantos@uol.com.br

Universidade do Sul de Santa Catarina

Resumo: O processo de valorização da condição feminina, que apresentava um progresso discreto, mas promissor na primeira metade do século XIII, retrocedeu nos séculos seguintes de modo não linear nem uniforme. Ao mesmo tempo que o chamado “amour courtois” se manifestava nos estratos superiores da sociedade e as mulheres, idealizadas, começavam a receber um tratamento menos brutal do que em outros tempos mais antigos, também se desenvolveu, a nível teórico e psicológico, uma mentalidade de desprezo e condenação da mulher. Duas obras literárias clássicas da Coroa de Aragão XV dão um exemplo muito claro dessa duplicidade contraditória. Em *Lo Somni* (1399), um capítulo é clara e agressivamente misógino, enquanto mulheres exemplares são celebradas e glorificadas em outro capítulo. Em *Curial e Güelfa* (c. 1448), o protagonismo feminino é notório, mas várias passagens são extremamente críticas em relação às mulheres, bordejando a misoginia.

Palavras-chave: Condição feminina, misoginia, literatura catalã, *Lo Somni*, *Curial e Güelfa*

Abstract: The process of valorization of the feminine condition, that presented a discreet and promising progress in the first half of the 13th century, regressed in the following centuries in a non-linear and uniform manner. At the same time that the so-called “amour courtois” developed in the upper strata of society and idealized women began to receive less brutal treatment than in earlier times, a mentality also developed, on a theoretical and psychological level, of contempt and condemnation of women. Two classic literary works of the Crown of Aragon give a very clear example of this contradictory duplicity. In “Lo Somni” (1399), one chapter is clearly and aggressively misogynistic, while exemplary women are celebrated and glorified in the other chapter. In “Curial e Gelfa” (c. 1448), the female role is notorious, but several passages are extremely critical of women, bordering on misogyny.

Keywords: female condition, misogyny, catalan literature, *The Dream*, *Curial and Guelpha*

* O conteúdo do presente artigo foi resumidamente apresentado em vídeo, na *International on line Conference Proscrits, marginats i minories a la Corona d'Aragó (ss. XV-XVIII)*, sob o título “*La condición femenina, en dos obras clásicas de la literatura de la Corona de Aragón*”.

DATA PRESENTACIÓ: 27/03/2021 ACCEPTACIÓ: 04/04/2021 · PUBLICACIÓ: 01/06/2021

1. Introdução

O processo de valorização da condição feminina apresentava, na primeira metade do século XIII, um progresso discreto, mas muito promissor, que pode ser atestado pelo exame da documentação primária da época e, embora choque de frente com a tendência ainda dominante de ver o Medievo como uma época histórica de obscurantismo em todas as áreas, já começa a ser reconhecido. As ideias e a mentalidade caracterizadas como misóginas, herdadas da Antiguidade, estavam na verdade em franco declínio no século XIII – no qual podemos situar o auge da Idade Média – e somente no século seguinte, já nos albores dos Tempos Modernos, readquiriram nova força e acabaram por se impor até tempos bem recentes.

Os informes coligidos pelos emissários do rei São Luís IX (1214-1270), que visitaram uma a uma todas as habitações do reino da França, interrogando pessoas de todas as condições sociais, ouvindo queixas e denúncias de abusos – numa inquirição que provavelmente foi, no seu gênero, a mais abrangente e completa já realizada na História – registraram numerosas mulheres casadas ou solteiras que exerciam atividades econômicas próprias independentes de seus pais ou maridos. Os emissários encontraram também muitos lares em que, sem embargo de estar presente o marido, era a mulher, mais extrovertida e falante, quem recebia os visitantes e contestava suas interrogações. No mesmo século, numerosas eram as mulheres que exerciam livremente a Medicina e quando o rei São Luís partiu para o Egito em cruzada, no ano de 1248, levou consigo, como médica oficial da Família Real, a *doctoresse Hersent*, uma prestigiosa médica de Paris, casada com um também renomado *apothicaire*, que se tornou proprietário de uma farmácia na capital da França. Tantas eram as mulheres que exerciam a profissão de médicas, na época, que até mesmo existia uma palavra feminina (*miresse*) para designá-las, enquanto no francês moderno uma única palavra, *médecin*, de forma masculina, é usada para designar tanto os profissionais da Medicina homens como mulheres (Pernoud 1977, 95-98; 1980, 239-267; 1990, 227-228).

A valorização da mulher teve na teologia sua expressão, com o acentuado incremento da devoção à Virgem Maria (Roschini 1947, t. I 224-262; Shea 1964, 267-296; Pelikan 2000, passim), e na disciplina eclesiástica com a exigência formal, a partir do IV Concílio de Latrão (1215) do consentimento livre e publicamente manifestado da mulher, para a validade dos casamentos (Le Bras 1927, t. IX verbete “Mariage”; Sot 1991, 193-202; Le Goff 2008: 123). A mulher deixou de ser personagem passiva, no casamento, entregue como antes pelo seu pai ao futuro esposo, e passou a ser necessário o seu consentimento, em paridade com o do homem.

Jacques Le Goff (1924-2014), que não pode ser considerado um religioso e não esconde sua posição crítica em relação a muitos postulados da Igreja Católica, reconhece entretanto que foi graças ao cristianismo que ocorreu, no Medievo, uma verdadeira promoção da mulher. Segundo ele sustenta, o cristianismo medieval não reduziu a mulher a um papel secundário, mas, pelo contrário,

atribuiu-lhe um verdadeiro lugar ao lado do homem (Le Goff 2008: 119), e esse respeito pela mulher constituiu, na sua expressão textual, uma grande inovação (Le Goff: 122).¹

Na mesma época, a valorização feminina teve também uma manifestação simbólica de grande significado: no xadrez, a peça mais importante depois do Rei, a mais atuante e de maior capacidade de ação, deixou de ser o grão vizir – o ministro todo-poderoso do rei – e passou a ser a *Alferça*, ou seja, a Rainha ou a Dama (Lauand 1988; Fuente Pérez 2003). Numerosas grandes mulheres se destacaram no Medievo, como abadessas, santas e religiosas – pois era profundamente sacralizada a sociedade medieval. Mas também como rainhas, senhoras feudais, administradoras de patrimônios, articuladoras políticas, condutoras de guerras, nas artes, na medicina, na cultura, em empreendimentos de natureza muito diversa. Por mais surpreendente que pareça, podemos afirmar, com Le Goff, que havia no Medievo, proporcionalmente, muito mais mulheres no governo dos povos, como rainhas ou regentes, do que as há em nossos tempos exercendo funções de presidentes de república ou primeiras-ministras (Le Goff 2008: 113).

Quanto mais os historiadores sérios se debruçam sem preconceitos antimedievais sobre a documentação primária da época (superando o vício tão comum de muitos autores que escrevem sobre a Idade Média com uma espécie de medo de ir às fontes e se limitam a repetir o que outros autores, quase sempre de segunda mão, escreveram) novas surpresas se revelam, no que diz respeito à condição feminina (Alexandre dos Santos 2013).

A visão da mulher dignificada e elevada pelo cristianismo medieval já tende hoje a se generalizar. Sintoma expressivo disso é o número não pequeno de publicações de divulgação histórica que abordam o tema. Para citar um único exemplo, veja-se o número 17 da bem conhecida revista francesa “*Historia Spécial*”, de maio/junho de 2014, que publica um amplo dossier intitulado “*Le Moyen Âge libère la femme*”, com 14 estudos de grandes medievalistas –todas mulheres– de diversas

1 A respeito da sempre lembrada condenação da figura paradigmática de Eva, que induziu Adão ao pecado, Le Goff esclareceu que na ótica medieval não era bem assim: “Eu gostaria também de estabelecer pequenas diferenças quanto à ideia que fazemos de uma oposição radical entre a figura de Eva e a de Maria: depois da Idade Média facilmente fixamos e exageramos essa antinomia, em particular fazendo de Eva a pecadora e a tentadora. Ora, desde muito cedo Eva foi utilizada como imagem simbólica da Igreja: não podia, então, ser totalmente negativa no espírito dos homens da Idade Média. (...) É verdade que ela foi criada a partir de uma costela de Adão, do qual ela depende, portanto, em seu ser de carne. Ela é um pedaço de Adão, mas não podemos nos contentar com essa definição. (...) Uma das reflexões mais interessantes, no meu modo de sentir, é a de Tomás de Aquino, no século XIII. Foi mais ou menos o seguinte que ele disse: Deus criou Eva a partir de uma costela de Adão, não a criou a partir da cabeça nem do pé; se a tivesse criado a partir da cabeça, isso significaria que via nela uma criatura superior a Adão; inversamente, se a tivesse criado a partir do pé, ela seria inferior. A costela é no meio do corpo e esse gesto estabelece a igualdade entre Adão e Eva segundo a vontade de Deus. (Le Goff 2008: 119-122). Depois de ressaltar que essa interpretação não foi uma opinião isolada, mas a mais geralmente aceita na época em que São Tomás vivia, o historiador acrescentou que “esse respeito pela mulher foi uma das grandes inovações do cristianismo” (Le Goff 2008: 122). E prosseguiu: “Em resumo, creio que houve uma verdadeira promoção da mulher, que avançou, ao menos doutrinariamente, no cristianismo, e que isso foi sentido, para além de todas as influências familiares e sociais que tendiam a mantê-la numa certa inferioridade.” (Le Goff 2008: 124).

universidades francesas, mostrando o papel destacado de mulheres como médicas, articuladoras políticas, chefes de empreendimento e condutoras de guerras na Idade Média europeia.

Essas mulheres destacadas estavam, sem dúvida, muito longe de constituírem a regra geral, ainda se tratava de exceções. Mas exceções tão numerosas e vistas com tanta naturalidade que normalmente tenderiam a se tornar menos excepcionais e mais frequentes, não fosse o brusco retrocesso ocorrido pouco depois.

Na passagem do século XIII para o XIV, por efeito da crescente influência dos padrões do velho classicismo romano, a posição da mulher retrocedeu significativamente. No tocante à medicina, por exemplo, esse retrocesso foi imediato no reino da França: as mulheres foram proibidas de exercer a medicina, pois se tornou ilegal a prática da profissão por médicos não habilitados pela Universidade de Paris, que não admitia mulheres em seu corpo docente; já na primeira metade do século XIV, há registros de numerosas perseguições movidas contra mulheres médicas (Pernoud 1977, 227-228); e, pouco a pouco, as curandeiras, as *comadronas* e as *sages femmes* passaram a uma situação marginalizada, sendo vistas como charlatãs e mais tarde, sobretudo no mundo germânico e no anglo-saxônico, praticamente assimiladas à condição de bruxas.

O retrocesso da condição feminina não foi uniforme nem foi linear. Ao mesmo tempo que o chamado “*amour courtois*” se desenvolveu, nesse período, nos estratos superiores da sociedade e as mulheres, idealizadas, começaram a receber um tratamento mais refinado do que em outros tempos mais antigos, também se desenvolveu, a nível teórico e psicológico, uma mentalidade de desprezo e condenação sistemática da mulher como fonte de todos os males. Duas obras literárias clássicas da Coroa de Aragão, “*Lo somni*”, de Bernat Metge (c. 1340-1413), e “*Curial e Güelfa*”, de Enyego d’Àvalos (c. 1414-1484), dão um exemplo muito claro dessa duplicidade contraditória (Costa & Alexandre dos Santos, 2019).

Para exame dessas duas obras, utilizaremos, nos tópicos a seguir, o texto de “*Lo Sogni*” publicado em 2007 pelo Centro de Linguística Aplicada Atenea, de Madrid, com edição, tradução, introdução e notas de Julia Butiñá; e o texto de “*Curial e Güelfa*” da edição filológica de Antoni Ferrando, publicado em 2007 pela Editora Anacharsis, de Toulouse. Os textos traduzidos para o português, de ambas as obras, em tradução de Ricardo da Costa, com revisão de Armando Alexandre dos Santos, foram publicados, respectivamente, por e-Editorial IVITRA Poliglota. Estudis, Edicions i Traduccions/Atenea, em 2014, e pela eHumanista, de Santa Barbara (CA), em 2011.

2. Lo Somni

Data de 1399, na transição do século XIV para o século XV, o livro “*Lo Somni*”, de Bernat Metge (c. 1340-1413), que nasceu em Barcelona, de uma família que exercia na sua origem a profissão de boticários, mas, pelo menos desde a geração de seu pai, servia proximamente à corte real aragonesa.

Protegido por seu padastro Ferrer Sayol, que era escrivão da rainha Leonor da Sicília (1325-1375), esposa do rei Pedro IV de Aragão (1319-1387), chamado o Cerimonioso ou *el del Punyalet*, Metge desde cedo foi introduzido e fez carreira na chancelaria real. Prestou serviços inicialmente à rainha Leonor, depois serviu ao rei João I, o Caçador (1350-1396), e à esposa deste, a rainha Violante de Bar (1365-1431), como escrivão e secretário particular; mais tarde, ainda continuou a servir sob o rei Martim I, o Humano, ou o Eclesiástico. (1356-1410). Muito culto e escrevendo com elegância, tanto em latim como em catalão, destacou-se como tradutor e como um dos grandes prosadores de seu século; pode também ser considerado o introdutor do Humanismo nas letras ibéricas, precisamente com *Lo Somni*, sua obra-prima. (Butiñá Jiménez 2014, 123-127).

O sonho que Bernat Metge narrou em 1399 teria ocorrido dois ou três anos antes, em circunstâncias muito dramáticas. Em 1396 morreu repentinamente, em um acidente de caça, o rei João I, que o protegia. No início do reinado de Martim I, seu sucessor, vários cortesãos do reinado anterior, entre os quais Metge, foram acusados de graves crimes e aprisionados. Enquanto esperava sua mais que provável condenação, numa noite teria ocorrido o sonho narrado em *Lo Somni*, no qual intervieram o recém-falecido rei João I, dois antigos personagens da mitologia grega, Orfeu e Tirésias, e o próprio Metge.

A obra é dividida em quatro partes, que constituem quatro livros, cada um dos quais com um tema principal. No primeiro livro, o assunto tratado é a imortalidade da alma. O tema do segundo é o Grande Cisma do Ocidente – aquele período conturbado em que durante quase quarenta anos (1378-1417) simultaneamente havia dois papas na Cristandade, ambos se proclamando legítimos e ficando os reinos cristãos divididos na obediência a um ou outro dos dois, sem que se soubesse ao certo qual deles era o verdadeiro papa, qual era apenas um antipapa (Llorca et alii 1960, 182-268). João I havia incorrido em culpa, porque nessa emergência não se portara bem e com sua atitude incentivara a cisão. Não havia perdido a alma – porque a Santíssima Virgem, cuja Imaculada Conceição sempre defendera, alcançou essa graça de Deus para ele – mas deveria ficar no Purgatório até que, na terra, se resolvesse a questão do Cisma.

Na época, eram intensos os debates entre os teólogos, havendo muitos, ligados à Ordem Dominicana, que se opunham tenazmente à doutrina imaculista, porque a julgavam incompatível com o dogma da Redenção Universal do gênero humano, por Jesus Cristo; parecia-lhes que se a Virgem fosse imaculada, não precisaria da Redenção, o que era absurdo. Outros teólogos, mais ligados à Ordem Franciscana, sustentavam que a Virgem era Imaculada desde a sua concepção, e também era beneficiada pela Redenção obrada por seu Filho, mas de modo super-excelente, por antecipação; em outros termos, na previsão dos méritos (*ante praevisa merita*) da Paixão e Morte de Jesus Cristo, fora preservada da mancha do pecado original desde o primeiro instante de sua existência, ou seja, desde sua concepção. Esta doutrina, pouco a pouco, se tornou universalmente aceita e acabou por ser proclamada como dogma de fé, pelo Papa Pio IX, em 1854. (Carr & Williams 1964, 307-367; Alexandre dos Santos 1996a, 25-28 e 83-123; Alexandre dos Santos 1966b, 24-58).

No terceiro livro, falam sucessivamente os dois gregos mitológicos; Orfeu, filho do deus Apolo e da musa Calíope, narra sua descida aos Infernos, na tentativa fracassada de ressuscitar sua amada Eurídice (Julien 1992, 449-453), e em seguida passa a palavra ao adivinho Tírsias – personagem que interessa de modo especial ao presente estudo.

Tírsias, de acordo com algumas versões, era filho de um homem, Everes, e da ninfa Cáriclo; segundo outros registros, era um dos guerreiros nascidos milagrosamente dos dentes de dragão semeados por Cadmos, pai da profetiza Marno (Julien 1992, 570). Foi transformado pelos deuses, durante sete anos, em mulher, voltando depois à condição de homem. Conhecia, portanto, ambos os sexos e pôde, nessas condições, ser árbitro de uma disputa entre Júpiter e Juno, sobre qual dos sexos sentia maior prazer sexual. Com pleno conhecimento de causa, Tírsias respondeu que a luxúria feminina é três vezes maior do que a masculina, o que desagradou profundamente a deusa Juno. Irada, esta arrancou os olhos de Tírsias, mas Júpiter, ao qual Tírsias dera ganho de causa na discussão, quis recompensá-lo, concedendo-lhe o dom de predizer o futuro.

Tírsias e Metge começam, então, a falar sobre o amor. Metge declara que é casado e ama sua mulher, mas também ama, e incomparavelmente mais, outra mulher. Tírsias responde que nenhum homem que tem amor a uma mulher pode encontrar a felicidade. Diante da estranheza e da discordância de Metge, Tírsias empreende uma longa e maldosa diatribe contra o sexo feminino, discorrendo sobre os defeitos que atribui às mulheres, com assombrosa agressividade e em termos às vezes tão rudes que chegam a tocar o chulo.

A mulher é um animal imperfeito, de diversas, desagradáveis e abomináveis paixões; atormentada, não ama outra coisa a não ser o próprio corpo e seus deleites. Se os homens as olhassem do modo devido, após fazerem o necessário para a geração humana, fugiriam delas como da morte. Não há animal no mundo mais sujo do que as mulheres. (...) Elas, conhecendo seus defeitos, desejam que se pense que têm muitas coisas que, na realidade, a Natureza não lhes propiciou. Para terem a carne particularmente brilhante e clara, sem pensarem que envelhecem antes do tempo, perdem os dentes e fedem incrivelmente, pintam-se com inumeráveis unguentos e cores, além de dissimularem seu fedor com águas, perfumes, algálias, âmbar e aromas.

[Fembra és animal imperfet, de passions diverses desplasents e abhominables passionat, no amant altra cosa sinó son propri cors e delits. E si los hòmens la miraven axí com deurien, pus haguessen fet ço que a generació humana pertany, axí la fugirien com a la mort. No és animal en lo món menys net que fembra. (...) Elles, conexents lurs deffalliments, volen que hom pens que elles hagen moltes coses que natura no 'ls ha donat. E per haver specialment la carn luent e clara, no curants que n'envellexen abans de temps e n'perden les dents e poden fortment, sinó que les aygües, perfums, algàlia, ambre e coses aromàtiques que porten suplexen lur pudor, pinten-se ab innumerables ungoents e colors.]

A seguir, Tírésias se estende, por largos parágrafos, descrevendo de modo caricatamente exagerado os cuidados que as mulheres colocam no vestir-se, no perfumar-se e no pentear-se, e o longo tempo que passam diante dos espelhos, sempre com vistas a esconderem os defeitos naturais que possuem.

Tão logo elas estão arrumadas e pintadas, se alguém olha para seus mamilos – os quais desejam que sejam vistos por todos e por isso os deixam à mostra – elas rapidamente os escondem, insinuando que não gostam de que ninguém os olhe, mas a verdade é exatamente o contrário disso, pois tão logo os cobrem, voltam a descobri-los e mostrá-los ainda mais desonestamente, para que os homens os considerem belos e babem por eles.

[Quant bé seran arreades e deboxades, si algú les mirave les mamelles (les quals elles desigen per tothom ésser mirades, car per axò les trahen defora), amaguen-les corrent, volents donar a entendre que no han plaer que hom les vege; e és tot lo contrari, car a penes les hauran cubertes, les tornaran descobrir e mostrar com pus desonestament poran, per tal que hom les tenga per belles e ls vage bestiejant detràs.]

Fala depois de como as mulheres, fazendo uso de seus artifícios, caçam e laçam homens incautos, que caem perdidamente apaixonados e são explorados por elas:

Então, em bodas, banquetes e festas solenes, elas se mostram arrumadíssimas aos infelizes que vão atrás, os quais rapidamente caem na ratoeira, pois se casam com elas ou, algumas vezes, as tomam como amantes. Imediatamente elas aguçam seu desejo de ter o senhorio sobre eles e, fingindo que são obedientes e humildes, pedem às bestas de seus maridos (que logo atendem aos pedidos) broches, anéis, pérolas, colares, crucifixos, braceletes, cintos, muitos vestidos e diversos ornamentos.

[Puys, en noçes e convits e sol lempnes festes, demostren-se ben parades als mesquins qui ls van detràs, los quals tantost cahen en la ratera, car o les prenen per mullers o, a vegades, per amigues. E encontinent elles agüen lur desig a haver senyoria e, fenyents-se obedients e humils, demanen als bèsties de marits (qui tantost los ho donen) fermalls, anells, perles, collars, paternostres, manilles, correges, moltes vestedures e diversos ornamentals.]

Discorre depois, longamente, e sempre de modo debochado e injurioso, dos defeitos morais que atribui como próprios das mulheres, critica o mau gênio feminino, e descreve como atormentam as outras pessoas, e especialmente os maridos, que nem no leito conjugal conseguem encontrar sossego:

Nunca há em seus leitos quem possa dormir. Todas as noites se passam entre pleitos e questões, quando dizem a seus maridos: – Vejo bem o amor que me tendes; quão cego é aquele que não vê através da tela. Tendes outra no coração mais que a mim! Pensais que sou modorrenta e não sei de quem ides atrás, a quem deseçais bem e de quem falais todos os dias?

Bem o sei, bem o sei. O que faláeis outro dia com vossa comadre do diabo? Por que olháveis nossa criada com um rosto tão satisfeito? Que intimidade tem convosco aquela que outro dia tão submissamente saudastes? Tenho um espião melhor do que pensais. Se me amásseis, vosso coração não iria atrás de outras, nem iriam mais bem vestidas que eu muitas que eu conheço e que não são dignas de tirar meus sapatos. Mas sabeis pouco, e valeis menos ainda, pois não sabeis apreciar a vós, já que minha honra é vossa. Ah, quão desgraçada sou! Quanto tempo faz que eu estou nesta casa maldita sem que vós nunca tivésseis a iniciativa de beijar-me, nem de me dizer o quanto isso ia me custar. (...) Maldito seja o dia em que eu me aproximei de vós! Que se tenham partido as mandíbulas do primeiro que afirmou que eu seria a vossa mulher! Eu não era para vós, nem vós para mim! Merecíeis uma fêmea vil que vos fizesse o mesmo que vós me haveis feito! (...) E com essas coisas e muitas outras e ainda mais ferinas elas atormentam os desgraçados de seus maridos, muitos dos quais, para agradá-las ou para fugir daquele pleito interminável, expulsam de suas casas seus pais, filhos e irmãos para que elas dominem sós.

[Jamay en lur lit no s'i dorm. Tota la nit despenen en plets e qüestions, dient cascuna a son marit: - Bé coneix la amor que m portats: bé és orp qui per garbell no s veu. Altra tenits en lo cor més que mi. Cuydats-vos que sia modorra e que jo no sàpia a qui anats detràs, e a qui volets bé e ab qui parlats tot jorn? Bé ho sé, bé. De què parlàvets l'altre jorn ab vostra comare del diable? E per què guardàvets ab tan alegre cara la nostra serventa? Quina privadesa ha ab vós aquella que l'altre jorn tan humilment saludàs? Millor spia he que no creetz. Si vós amàvets mi, no us iria lo cor en altres, ne irien mils arreades que jo moltes que n coneix, que no merexerien que m descalsassen. Mas poch de bé sabets; e encara valets menys, que no us preats, que la mia honor vostra és. Ai, ne desastruga! Quant temps ha que jo són en aquesta maleÿta casa e nulltemps vos bastà lo cor que m besàssets a vostra requesta ni que m diguéssets, quant jo m'anava colgar. (...) Maleÿt sia lo jorn que jo primerament me acosté a vós. E les barres li haguessen tranchades a qui primer ne parlà que jo fos vostra muller! Que jo no fahia per vós ne vós per mi. Una vil fembra merexiats que us faés semblant que vós me fets. (...) E ab aquestes coses e moltes altres semblants e pus coents, tota legítima e justa causa cessant, cascuna nit turmenten los mesquins de marits, dels quals són molts qui, per complaure-les o per fugir a plet immortal, giten de casa lurs pares, fills e germans, e roman-los sola la plaça.]

Tirésias prossegue sua invectiva contra o sexo feminino falando da cobiça e da cupidez das mulheres, bem como do seu excessivo apego ao dinheiro:

E que dizer de sua avareza? Se eu começar, temo que não consiga parar. Além dos grandes furtos que fazem aos maridos, aos filhos menores, e a extorsão aos amantes que não lhes agradam, vê a quantas vilezas elas se submetem para aumentar e conseguir seu cabedal. Não podem encontrar nenhum velho babão, com os olhos lacrimosos, as mãos e a cabeça trêmulas, por mais vil, sujo e disforme que seja, que elas recusem como marido somente por lhes parecerem rico e opulento, pois acreditam que logo ficarão viúvas. Além disso, caso possam ter filhos com eles, tudo bem; caso contrário, bem sabem elas de onde os terão. Não temem morrer sem herdeiros. Se porventura não podem ficar grávidas, fazem tudo de maneira que pareça que ficaram, e têm filhos falsos para que, ao ficarem viúvas, possam viver opulentamente com a renda dos menores. Sabes em que elas são generosas? Não em gastar, mas em dilapidarem-se em dívidas, especialmente se podem ludibriar seus maridos, com maquiadores, médicos e amantes, e nisso nada economizam para que ninguém as acuse de avaras.

[Què t diré de lur avarícia? Si ho començaré, dubte'm que me'n puxe lexar. Ultra los grans furts que fan als marits e a lurs fills pubills, e la extorció als amadors que molt no 'ls plaen, veges a quantes viltats se sotsmeten per créxer e aconseguir gran axovar. No 's poria trobar algun vell bavós, ab los ulls lagremosos e encara que les mans e lo cap li tremolen, per vil, sutze e disformat que sia, que elles per marit rebujassen solament que l vegen rich e opulent; e és-los viyares que sens falla dins un mes seran vídues. Puys, si n poden haver fills, bé sta; e si no, bé saben elles d'on ne hauran. No t temes que muyren sens hereus. E si per ventura no 's poden emprenyar, fan semblant que sien parteres e han fills supposats; per tal que, romanents vídues, puxen viure opulentment a messió dels pubills. Saps en què són elles liberals? No pas a despendre, mas a guastar en devinas (e specialment si 'ls poden embaçinar lurs marits), en pintadores, en metgesses, en amadors; e en açò no meten algun stalvi ne les pot hom rependre d'avarícia.]

É longo e prolixo o discurso de Tirésias, que poderia ser classificado como um destampatório, ou uma catilinária. Os textos aqui destacados são apenas uma pequena parte e uma amostra do extremo rancor que Tirésias nutre em relação a um sexo que foi o seu por sete anos. Curiosamente, ele, que é tão prolixo e facundo em suas críticas ao sexo feminino, dedica apenas duas linhas a criticar um defeito que mais habitualmente se costuma apontar nas mulheres, isto é, sua inconstância. A esse propósito, limita-se a dizer: “Não têm nenhuma firmeza: em um mesmo instante choram e riem, cobiçam e se enfadam, desejam e não desejam cem vezes a mesma coisa! (De fermetat, no n'han gens: en un moment ploren e rien, des-igen e avorrexen, volen e no volen una matexa cosa cent vegades.) E imediatamente passa a discorrer de modo profuso sobre outro defeito que nelas costuma ser criticado: sua tagarelice e sua mania de opinar sobre assuntos que estão muito acima de sua capacidade de compreensão:

De suas conversas e tagarelices, algo péssimo nas mulheres, quem te poderia contar a centésima parte? Os mestres em Teologia, os doutores de cada Direito, os mestres de Medicina, os naturalistas, matemáticos e demais homens de ciência sofrem muita fome e sede, frio e insônia, maus dias e piores noites para alcançar seus objetivos e, após muitos anos, consideram ter aprendido muito pouco. Entretanto, elas, em uma manhã, tendo estado somente por um momento na igreja durante a missa rezada, já sabem como o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, se Deus poderia criar outro ser semelhante a Si mesmo, quais coisas são necessárias para a separação de um matrimônio e como os testamentos podem ser anulados; se o ruibarbo é seco ou úmido, quantos materiais entram na triaga, se o círculo pode ser quadrado, qual poeta foi melhor, Virgílio ou Homero, quantas estrelas há no céu, como se engendram no ar o trovão, o raio, o arco de São Martinho, o granizo e outras coisas, se os elementos são simples ou compostos e se podem ser convertidos um no outro, e o que significam os cometas. Também sabem o que está acontecendo na Ásia, na África ou na Europa, e quantos homens de armas tem o sultão Murad; quem é o mais amoroso da vila e quem está sendo enganado por aquela que ama; com quem dorme sua vizinha, quem a outra engravidou e quem ainda vai engravidar; quantos amantes tem a outra e quem lhe enviou o anel e lhe deu o colar de pérolas; quantos ovos por ano põe a galinha da vizinha e quantos novelos saem de uma libra de linho. Finalmente, elas sabem tudo o que fizeram gregos, troianos, romanos e cartagineses. Assim, completamente informadas de tudo, retornam às suas casas e tagarelam sem parar com criadas e escravas, desde a manhã até o entardecer, inclusive à noite, dormindo, e, se encontram

alguém que não queira ouvi-las ou que as contradiga, ficam muito aborrecidas, especialmente se algo que lhes dizem é reprovado.

[De lur parlar e rallar, que és una cosa fort mal stant en fembra, qui te'n poria dir la centena part? Los maestros en theologia, los doctors en cascun dret, los mestres en medecina, los naturals e mathemàtichs e altres hòmens de sciència, soferen molta fam e set, fret e poch dormir, mals dies e pijors nits per aconseguir aquella; e après molts anys, troben haver après fort poch. E aquestes, en un matí (que ay tant com una missa baixa se diu stan solament en la sgleya), saben en qual manera l'Espirit Sant procehex del Pare e del Fill, e si Déus poria fer semblant de si mateix, e quals coses són necessàries a separació de matrimoni e com se poden anul·lar testaments. E si lo riubarbre és sech o humit, e quants materials entren en la triaga, e si lo cercle se pot quadrar, e qual fo millor poeta entre Virgili o Homero, quantes steles ha en lo çel, e com se engendre en l'àer lo tro e l lamp, l'arch de sanct Martí, la pedra e altres coses; e si los elements són simples o composts, e si's pot convertir la un en l'altre, e què signifiquen les cometes. E què's fa en Àsia, Àfrica e Europa, e quantes gents d'armes ha l'Almorat. Qual és lo pus amorós de la vila e qual és stat enganat per aquella que ama, ab qui dorm sa vehina, de qui és prenys l'altra e en qual mes deu encaure, e quants amadors ha l'altra e qui li ha tramès l'anell e qui li ha dat lo collar de perles; e quants ous fa dins l'any la gallina de la sua vehina, e quantes fusades hixen de una liura de li. E finalment, ço que feren jamay los grechs e los troyans, los romans e los cartaginesos. E axí, de tot plenerament informades, tornen-se'n a lurs cases e parlotejen-ne, sens lexar-se'n, ab les serventes e catives, del matí entrò al vespre, e encara de nits en durment. E si troben algú que no les vulle oyr o'ls contrast, enfellonexen-se fortment, e especialment si alguna cosa que dit hagen los serà reprovada.]

O Livro III prossegue ainda, com Tirésias cada vez mais empenhado em criticar, ridicularizar e ofender o sexo feminino, de modo desmedido e por vezes roçando a boçalidade e a linguagem chula. É, como ficou dito, longo e prolixo, ocupando nada menos que 15 % do texto integral de *Lo Somni*.

O contraponto ao discurso misógino de Tirésias vem no Livro IV, quando Metge toma a defesa simultânea das mulheres e do amor, sendo sua fala entrecortada por apartes contrários de Tirésias. Curiosamente, a certa altura do debate, é o próprio Metge que, defendendo as mulheres, declara que elas são de natureza menos perfeita que os homens e por isso sua culpa é menor:

Tu falaste o pior que pudeste a respeito das damas, mas por causa das boas ações que elas me fizeram, eu desejo perdoá-las, tanto quanto possa, e especialmente de duas formas: a primeira, dizendo o bem que há nelas, e o que no passado aconteceu com elas no mundo; a segunda, mostrando o mal que geralmente há nos homens, mas discorrendo sempre com toda a reverência e benevolência sobre eles, sem qualquer injúria. Isso servirá para desculpá-las, pois se os homens são viciados e deveriam usar mais da razão e distanciarem-se mais do mal do que as mulheres, que não são tão perfeitas quanto eles, não é de espantar que elas façam coisas erradas, no caso de algumas fazerem, o que eu não creio”.

[Tu has dit lo piyor que has pogut de dones; e per les bones obres que m'han fetas, vull-les escusar, tant com poré, en dues maneres principalment: la una, dient lo bé que és en elles, e en temps passat ne és sdevengut en lo món; l'altre, mostrant-te lo mal que comunament és en

los hòmens (parlant però tota vegada ab reverència e benvolença d'aquells e sens lur injúria). La qual cosa serà gran excusació d'elles, car si los hòmens són viciosos (qui deurien més usar de rahó e lunyar-se més de mal que les dones, que no han tanta perfecció com ells), no és meravella si aquelles fan errades (posat que algunes ne fassen, ço que no crech).]

Em seguida, Metge passa a falar das grandes mulheres que a História registra, iniciando pela maior delas, que é a Virgem Maria:

Tu bem sabes que, por causa do pecado de nosso primeiro pai Adão, toda a natureza humana de fato incorria nesse pecado e merecia, por justiça, a pena infernal. E não ignoras que ela foi redimida por uma única mulher que, por sua humildade e pela excelência de suas virtudes, que superaram a de todas as mulheres que existiram, existem e existirão, mereceu ser a mãe do Filho de Deus. Se não fizesse outro louvor à natureza feminina, só essa deveria ser suficiente para ti, pois essa prerrogativa deveria lhe ser digna da maior reverência e honra que jamais mereceu ou conseguiu qualquer homem no mundo. Tu porventura dirás que houve uma maior e merecida que essa: a de Jesus Cristo, que foi homem. Eu te direi que isso é verdade, mas Ele não foi somente homem, mas é Deus vestido com roupagem humana e com uma alma racional; se fosse somente homem, tua objeção teria lugar. Mas conta-me algum caso de um puro homem que seja igual a ela e eu me calarei.

[Tu saps bé que, per lo peccat del nostre primer pare Adam, tota humana natura per justícia merexia, e encorria de fet, pena infernal. E no ignores que per una sola fembra és stada rehemuda; la qual, per la sua humilitat e excel·lència de virtuts, que hagué sobre totes quantes foren, són e seran, meresqué ésser mare del Fill de Déu. Si altra laor no donava a natura femenina, prou te deuria bastar, car aquesta sola prerrogativa apparria que la fassa digna de major reverència e honor que jamay meresqués ni aconseguís hom del món. Diràs per ventura que major la meresqué e aconseguí Jesuchrist, qui fo hom. E jo t dich que ver és, mas aqueix no era hom solament, ans era Déu vestit de vestedura humana ab ànima racional; e si fos stat purament hom, haguera loch la tua objecció. Mas digues-me'n un altre qui sia stat pur hom e igual ab ella en honor, e callaré.]

É curioso que Metge, nesse parágrafo, professa a crença na doutrina da Corredenção mariana – doutrina muito difundida na Igreja e embasada em sólida tradição eclesiástica, mas até agora ainda não proclamada por nenhum papa como como dogma de Fé. A ideia de que a Virgem teve uma participação secundária, mas efetiva na Redenção, teve na Idade Média notável incremento (Carol 1964, 760-804). Digno de nota, também, o recurso retórico clássico da prolepse, usado por Metge ao prever (“Tu porventura dirás que...”) e antecipadamente responder uma possível objeção do seu antagonista: sem dúvida, Jesus Cristo foi maior que a Virgem, mas não era somente Homem, era Homem e também era Deus. Das puras criaturas humanas, é a Virgem a que tem a primazia, nenhuma outra mulher e nenhum outro homem mereceu mais do que a Mãe de Deus.

Tirésias não pôde senão concordar, mas ressaltou que a Virgem Maria era um caso único, uma exceção que não podia fazer regra, pois “aquela que não aprovou a Deus tivesse vindo ao mundo

antes da minha época, para minha salvação, foi uma solitária fênix de virtudes e vida santa, e uma única flor não faz primavera” (aquexa, la qual hagués plagut a Déu que, per ma salvació, fos venguda abans de mon temps en lo món, és stada un sol fênix en virtuts e sancta vida; e una flor no fa primavera). E desafiou Metge a exhibir outras mulheres que lhe fossem similares.

Aceitando o repto, Metge passa a desfilhar, a partir de então, uma longa galeria de grandes mulheres que deixaram recordação gloriosa, alternando exemplos da mitologia, da Antiguidade, da Bíblia, da História das Virgens e Mártires da Igreja e também lembrando algumas rainhas mais próximas no tempo. Tírsias não se mostra convencido, e rebate com objeções. Metge continua, rebatendo uma a uma as críticas específicas que Tírsias fizera às mulheres, a apontando que os vícios que ele apontara no sexo feminino também existiam, e em maior grau, no masculino. É uma longa, bem concatenada e convincente argumentação, que supera largamente, aos olhos do leitor, a destemperada diatribe antifeminina de Tírsias, mas este não se dá por vencido e continua afirmando sua posição. O diálogo ainda prossegue um pouco mais, mas logo depois, o adormecido Bernat Metge acorda de seu sono e, dessa forma, chega ao fim *Lo Somni*.

3. Curial e Güelfa

A mesma duplicidade se nota em *Curial e Güelfa*, outra obra-prima da literatura catalã, que durante muito tempo se considerou de autoria anônima e hoje se crê ter sido escrita, perto da metade do século XV, por Enyego d'Àvalos (c. 1414-1484) cavaleiro de alta cultura nascido em Toledo e criado em Valência, onde se embebeu da cultura local, e mais tarde viveu em Nápoles, onde foi *gran camarlenc* do rei Afonso V, o Magnânimo (1396-1458), e conviveu com elementos da nobreza valenciana (Soler Molina 2016; 2018).

Trata-se de uma novela de cavalaria fortemente impregnada pela mentalidade humanista que prevalecia no tempo em que foi escrita, demonstrando que seu autor tinha familiaridade profunda com autores humanistas (Butiñá Jiménez 2000; passim), nos quais uma visão negativa da condição feminina, herdada da Antiguidade, era habitual. Sem embargo disso, em *Curial e Güelfa* se destaca o protagonismo feminino, de modo tão notável e tão dissonante do que em seu tempo se concebia como papel próprio da mulher, que a novela chegou a parecer, a alguns analistas, como apócrifa e impossível de ter sido escrita no século XV, devendo sua autoria ser atribuída, portanto, a um autor muito mais moderno. Essa hipótese se desmentiu completamente, de modo que a autenticidade da novela está hoje em dia fora de discussão.

Na trama, tem enorme importância o que se poderia designar como “o universo feminino”. Destacam-se sobretudo as três mulheres que amaram Curial: Güelfa, duquesa de Milão, que finalmente se casou com o herói; Láquesis, a princesa bávara que pertinazmente o assedia durante muito tempo; e a desventurada Camar, moura que por amor a Curial se tirou a própria vida e lhe legou uma imensa fortuna – todas elas personalidades fortes e bem caracterizadas. Desde o ponto de vista psicológico, cada uma delas mereceria análise pormenorizada.

A abadessa, amiga e confidente de Guelfa, também é uma destacada figura feminina, representativa das casas religiosas mundanizadas e pouco fervorosas do tempo. Arta, dama de confiança de Guelfa, desempenha um papel secundário, mas de considerável importância, ao longo da narrativa; por vezes é chamada por seu nome real, mas durante algum tempo aparece transmutada na misteriosa Festa. A rainha da França e a mãe de Láquesis também marcam, embora em menor medida, presença em algumas passagens da narrativa. Recordam-se aqui esses nomes, mas não se esqueça que poderíamos nos estender sobre um “universo feminino” de outra dimensão – o das deusas Juno, Fortuna, Vênus etc. – que também permitiria curiosas considerações de caráter psicológico.

As mulheres é que conduzem, a seu talante, todo o enredo. Em torno do elemento feminino largamente predominante giram os homens, inclusive o grande herói da novela, Curial, que se vê transformado em joguete dos caprichos, das simpatias e das antipatias das personagens femininas. São elas que produzem os giros da “roda da Fortuna”, que diretamente afetam a trajetória existencial do herói, que por outro lado é vítima de invejosos que o perseguem e semeiam todo o tempo armadilhas aos seus passos. O papel nefasto da inveja é tão marcante, na novela, que esse vício capital chega a constituir o *leitmotiv* e o fio condutor de toda a trama (Alexandre dos Santos 2018).

Sem embargo do acentuado protagonismo feminino, a novela também contém ocasionalmente, de modo pontual, algumas passagens muito críticas das mulheres, apontadas como débeis não apenas fisicamente, mas também e sobretudo do ponto de vista intelectual e emocional. São essas passagens que passaremos a ver agora.

No início da trama, quando Curial pela primeira vez se distancia de Guelfa, para participar de um combate em Viena, vai despedir-se da amada. Esta, apesar de poderosa e autoritária, tem uma surpreendente atitude de humildade e, “quase completamente pálida” (quasi la color tota perduda) começa seu discurso declarando a Curial: “não tens nenhuma necessidade de admoestar uma mulher de pouco valor como eu” (poca fretura fa a tu lo amonestar de uma fembra flaca de poca valor, axí com yo són – Livro I, capítulo 14). Logo em seguida, mudando completamente de tom, passa a dar uma série de recomendações e ordens em atitude autoritária. Entretanto, depois que o amado partiu, novamente regressou à posição de debilidade:

E enquanto ele, suspirando, dava as costas e partia, mirava-o resoluta, mas tão logo ele se distanciou, ela perdeu as forças e caiu desfalecida na terra. Em seu socorro vieram todas as suas damas e, após muito esforço, a restauraram, e quase tiveram que carregá-la para a colocarem em seu leito.

[E axí com ell, sospirant, giràs la cara e se n'anàs, ella'l mirà estant tota ferma; emperò, com ell se perlongàs, lo cor li fugí e caygué mig viva en terra; al socors de la qual totes les sues dones vengueren e ab molts ajutoris la restauraren, e quasi en sopols en son lit la meteren.] (I, 14).

Na manhã seguinte, quando Guelfa soube pelo toque dos clarins que Curial estava se pondo em marcha, teve outra manifestação de instabilidade emocional:

Embora ela fosse uma senhora de grande coração e soubesse ocultar muito bem as suas paixões, certamente não o conseguiu com aquela partida, mas, pelo contrário, disse muitas palavras desconexas. Contudo, teve o bom-senso de retirar todas aquelas que estavam em seus aposentos, e, totalmente só, pôde prantear a sua dor.

[E bé que ella fos dona de gran cor e sabia cobrir molt bé les sues passions, certes a aquest partiment no pogué tenir, ans moltes paraules descompostes dix. Emperò tant seny hagué, que féu exir totes aquelles qui eren en la sua cambra, e tota sola longament la sua dolor plangué.] (I, 14).

A mesma atitude incoerente de Guelfa se produz algum tempo depois, nas vésperas de uma peleja em que Curial se defrontaria em luta mortal contra Boca de Far, um nobre e valoroso cavaleiro napolitano que era seu rival no amor de Guelfa. Desabafando suas penas íntimas com a abadessa amiga e confidente, diz Guelfa: “Vede a minha dor: o homem que não teme a nenhum cavaleiro do mundo teme a mim, uma mulher fraca que não pode lhe causar dano!” (E vejats quina dolor: home qui no tem tots los cavallers del món, ¡tembre a mi que són una flaca fembra que no li pusch fer dan! – I, 41).

Outra afirmação da debilidade congênita da condição feminina transparece na fala de Netuno, o deus dos mares, quando se dirige à Fortuna e lhe censura a inconstância, que aponta como característica do seu sexo:

– O que é isso, falsa enganadora? Pensas tu que sou eu a tua roda, que conduzes e giras como bem entendes? Certamente não será assim, pelo contrário, agora mesmo, a despeito teu, eu outorgo guia e salvo-conduto ao cavaleiro, e tu não o maltratarás no meu reino. Usa de tuas malícias onde te seja concedido, pois aqui, desta vez, não te será dada permissão para a tua vontade inconstante. Oh, bem és mulher em todos os teus feitos, pois queres e depois não queres, choras e depois te ris, dás e tiras. Em resumo: não há em ti uma só hora de firmeza! Vê, vê, falsa e inconstante mulher, se tu quisesses te comportar por um tempo, e confessasses pela tua língua pérfida que ele é nobre e mui valoroso, mesmo assim eu, nobre, desejo ajudar a outro nobre; por ser puro, mesmo que eu quisesse prejudicá-lo não o faria pelo requerimento de tão falsa e inconstante mulher como tu és, pois sempre suspeitei de ti, e não desejo receber a alcunha de efeminado por ser governado por ti.

[– ¿Què es açò, falsa tragitadora? ¿E penses tu que són yo la tua roda, que .m mene e gires en la manera que tu vols? No serà certament axí, ans susara, a despit teu, yo atorgue guiatge e salconduyt al cavaller; e certes no .l malmenaràs en lo meu regne. E usa les tues malícies allà on te sie consentit, car ací, aquesta volta, no serà donat loch a la tua variable volentat. O, bé est fembra en tots tos fets; que ara vols, ara no vols, ara plores, ara rius, ara dónes, ara tolls, e finalment, en tu no ha sola una ora de fermetat! Ve, ve, falsa e variable fembra, que si tu .l volguist algun temps comportar, confessant per la tua falsa lengua ell ésser noble e molt valerós, axí mateix yo, noble, vull ajudar a altre noble; e pur, com noure li volgués, no ho faria requirint-me’n tan falsa e tan variable fembra com tu est, car tots temps t’aquí poer sospitosa; e no vull haver nom de afeminat, que .m governe per tu.] (III, 13).

Ainda no mesmo Livro III, há uma passagem em que a mãe da moura Camar procura convencê-la a casar com o sultão, que a desejava tomar como esposa, mas Camar, apaixonada por Curial,

se recusa e ameaça suicidar-se caso, contra a sua vontade, se veja forçada a desposar o sultão. A mãe não parece muito convencida da seriedade da ameaça, e pondera com sua filha aludindo à debilidade feminina: “– Filha minha, não sabes que o coração da mulher é fraco e as mãos trêmulas? (Filla mia, ¿no sabs que lo cor de la fembra és flach e les mans tremoloses?) Mas Camar responde resolutamente: “Pelo contrário, está escrito, e não por um único doutor, que os cavaleiros devem ter a coragem da mulher e o coração do leão.” (Abans és lo contrari, car escrit és, e no per un sol doctor, que los cavallers deuen haver ardiment de fembra e cor de leó – III, 55)

No relato do torneio de Melun há uma passagem em que Festa, a jovem que Guelfa enviara em companhia de Curial, viu-se colocada em posição de honra da plateia, ao lado de Láquesis, a princesa bávara que amava Curial e foi a grande rival de Guelfa. Enquanto esta última representava para Curial, com seu amor platônico e recatado, a senda da virtude, Láquesis, mais sensual e provocadora, figurava o caminho do vício (Soler Molina 2017; Folke 2004; 2012). Entre ambas longamente pareceu hesitar Curial, e essa hesitação, somada aos ciúmes doentios de Guelfa envenenados pelos invejosos adversários de Curial, causou a este não pequenos dissabores.

Festa e Láquesis eram de grande beleza e todos os olhares convergiam para as duas, todos se perguntando qual delas era a mais formosa:

Oh, celestial beleza! Oh, rostos angelicais! Como se deleitou o Senhor e Criador da natureza humana ao criar estas duas donzelas conforme a opinião mundana! Se Láquesis se esforçara em aumentar a sua beleza, eu vos asseguro que Festa não foi negligente nem omissa, tampouco grosseira, pelo contrário, com tamanha arte e tanto saber adquirido após longo e dedicado estudo, moveu suas mãos e, com aqueles delicados, finos e longos dedos e aquelas unhas de marfim, acrescentou beleza à beleza, pois em seu rosto, cabeça, seios e mãos nada faltava para ter seu embelezamento melhorado, nem mesmo aumentar o crescimento de sua beleza artificial. Ah, como as conheceu aquele filósofo chamado Platão, quando disse que o juízo das mulheres está todo na beleza e, pelo contrário, a beleza dos homens está no juízo!

[O celestial bellesa! O angelicals cares! E com se delita lo Senyor e Creador de natura humana en crear aquestes dues donzelles, segons la opinió mundana! E, si tot Làquesis havia treballat en créixer la sua bellesa, yo us promet que Festa no fonch negligent ne remissa, ne fonch grossera, ans, ab tanta art, ab tant sabir atquirir per lonch e treballós estudi, mogué les mans, e ab aquells delicats, prims e lonchs dits, e aquelles ungles de vori, ajustà bellesa a belleses, car en la sua cara, cap, pits ne mans, no vagava cosa alguna que millorament de afaytar ne creximent de bellesa artificial reebre pogués. Ay, e com les conegué aquell gran philòsoph apellat Plató, quant dix que lo seny de les dones tot està en la bellesa, e, per contrari, la bellesa dels hòmens en lo seny!] (II, 42).

Na realidade, essa referência a Platão não se sustenta. Como observa Ricardo da Costa em nota aposta à tradução dessa passagem de *Curial e Guelfa*, a citação atribuída a Platão parece proceder de alguma tradição oral não fundada, já que não é encontrada em nenhum escrito que atualmente se conhece, do filósofo, e este, em mais de uma passagem de suas obras, defende a ideia de que as mulheres devem receber a mesma formação que os homens. Na *República*, ele declara formalmente que a mesma formação deve ser ministrada aos dois sexos, inclusive em matéria militar, uma vez que, sem embargo de serem fisicamente mais débeis, as mulheres dispõem de habilidades para

quaisquer atividades, incluídas as de governo da sociedade; e podem, por sua habilidade, alçar-se até mesmo à posição de reis-filósofos. (Platão 1996, 213-214). E, no *Timéu*, afirma rotundamente: “Observamos, ainda, acerca das mulheres, que deveriam ser formadas naturalmente da mesma liga harmônica das qualidades masculinas, e que suas ocupações precisavam ser iguais às dos homens, tanto em tempo de guerra como em qualquer outra situação” (Platão 2001, 52).

Por fim, encontra-se uma última passagem muito crítica, em relação ao sexo feminino, ainda na mesma ocasião do Torneio de Melun, quando Curial conquista, como valioso troféu, o escudo de um cavaleiro oponente, e ordena que seja oferecido à dama que está defendendo, ou seja, a Festa, mas o emissário, ou por erro ou adrede, entregou-o a Láquesis, que o exibiu muito orgulhosa — o que deixou a Festa desgostosa e despeitada:

Festa pensou que morreria de inveja e, cheia de ira, jurou causar a Curial outro desprazer que superaria este que ele lhe causara. Na verdade, eu creio que a maior parte das mulheres não sabe reger com rédeas os impulsos que lhes sobrevêm, pois seus corações expulsam rapidamente o ódio que, porventura, injustamente conceberam, e, por isso, na maior parte das vezes, lhes escapa a ocasião propícia para a vingança.

[De què Festa cuydà morir d’enveja, e, sobrada de ira, juràa fer a Curial altre desplaer qui muntaria queacom més que aquest que ell li havia fet. E, certes, yo crech que les més dones no saben regir los moviments que .ls vénen, ab regnes; abans lo seu cor lança tantost defora lo odi que haurà, per ventura, injustament concebut, e per aquesta rahó s’esdevé que al cas fuig les més vegades loch de venjança.] (II, 48)

4. Conclusão

Essa duplicidade de visões da condição feminina, manifestada nas duas obras literárias aqui focalizadas, mostra bem como não foi linear, nem uniforme, o traçado histórico da evolução do modo de ser vista e considerada — ou mal vista e desconsiderada — a condição feminina no largo período focalizado neste artigo (Ruiz-Domenech 2011, 257-273).

Entre a valorização da mulher na Cristandade medieval do século XIII e a era vitoriana do século XIX, no qual, na opinião de Le Goff, as mulheres foram mais do que em qualquer outra época marginalizadas, houve idas e vindas, houve hesitações, houve avanços e recuos.² Pretender uma história linear, com processos esquemáticos rígidos, não passa de uma projeção mental de teóricos não embasados em documentação consistente.

2 “De minha parte, impressiona-me o progresso que ela [a mulher] fez na sociedade cristã da Idade Média — o que evidentemente não nos pode levar a pensar que ela atingiu a igualdade com o homem; mas avançou-se muito... E será pior mais tarde; creio profundamente que não há pior período para a condição feminina na Europa do que o século XIX. (...) Guardemo-nos das ilusões de todo tipo. Guardemo-nos da ideia de que o progresso é irreversível, linear, constante, dos tempos mais longínquos até a época contemporânea. Hoje, o número de mulheres que chegam às mais altas funções é muito pequeno. No Ocidente, não se compara o número de mulheres primeiras-ministras com o que havia de rainhas governando ou de regentes na Idade Média.” (Le Goff 2008: 112-113)

Bibliografia

Fontes

- Bernat Metge (2007) *Lo somni / El sueño* (edición, traducción, introducción y notas de Julia Butiñá). Madrid: Centro de Lingüística Aplicada Atenea.
- . *O Sonho* (2014) *Lo Somni* (tradução de Ricardo da Costa, revisão de Armando Alexandre dos Santos). In: COSTA, Ricardo da. (Org.). *Os Sonhos na História*. Alicante-Madrid: e-Editorial IVITRA Poliglota. Estudis, Edicions i Traduccions/Atenea, p. 128-217.
- Anònim (2007) *Curial e Güelfa* (Introducció i edició filològica per Antoni Ferrando). Toulouse: Anacharsis.
- Anônimo (2011). *Curial e Guelfa*. (Primeira tradução para o português e notas: Ricardo da Costa – Revisão: Armando Alexandre dos Santos. Estudo introdutório e edição de base: Antoni Ferrando). Santa Barbara (CA): eHumanista.
- Platão (1996). *A República* (trad. de Maria Helena da Rocha Pereira). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- . (2001) *Diálogos (Timeu – Crítias – O segundo Alcibiades – Hípias Menor)* (trad. de Carlos Alberto Nunes). Belém: EDUFPA.

Bibliografia complementar

- Alexandre dos Santos, Armando (2013) *A condição da mulher na Idade Média*. A Tribuna Piracicabana, Piracicaba SP, p. 2, 26 out.
- . *O vício capital da Inveja, leitmotiv e fio condutor de “Curial e Guelfa” – Análise da tradução ao português e estudo cultural e sintático-semântico*. Tese de doutorado. Universidade de Alicante. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjL-7-7p4bvAhWOJrkGHYRQCIwQFjACegQIWXAD&url=http%3A%2F%2Frua.ua.es%2Fspace%2Fbitstream%2F10045%2F88732%2F1%2Ftese_armando_alexandre_dos_santos.pdf&usq=AOvVaw3-gXvQj2Le3zdyagwXiq5
- . (1996) *O culto de Maria Imaculada na tradição e na História de Portugal*. São Paulo/Porto: Artpress/Livraria Civilização Editora.
- . (1996) *O Brasil sob o manto da Imaculada*. São Paulo: Artpress.
- Butiñá Jiménez, Julia (2000) *Tras los orígenes del Humanismo: El Curial e Güelfa*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia.
- . (2014) “O Sonho (Lo Somni) de Bernat Metge (1340-1413): uma aproximação”. In: COSTA, Ricardo da. (Org.). *Os Sonhos na História*. Alicante-Madrid: e-Editorial IVITRA Poliglota. Estudis, Edicions i Traduccions/Atenea, p. 123-127.

- Carol, Juniper B. (1964) “Corredención de Nuestra Señora”. In: CAROL, J. B. (org.), *Mariología*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 760-804.
- Carr, Aidan; WILLIAMS, Germain. (1964) “Inmaculada concepción de María”. In: CAROL, J. B. (org.), *Mariología*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 307-367.
- Costa, Ricardo da; & Santos, A. A dos. (2019) “A imagem da mulher medieval em O Sonho (1399) e Curial e Guelfa (c. 1460)”. In: Costa, Ricardo da. (Org.). *Visões da Idade Média*. Santo André SP: Armada Editora, p. 161-184.
- Dossier “Le Moyen Âge libère la femme” (2014) “Historia Spécial” no. 17, Paris, maio/junho.
- Fuente Pérez, María de Jesús. (2003) *Reinas Medievales en los reinos hispánicos*. Madrid: La Esfera de los libros.
- Giménez Soler, Andrés (1930). *La Edad Media en la Corona de Aragón*. Barcelona: Editorial Labor.
- Hauf, Albert (2004) “Láquesis: La personificación de la seducción en el Curial e Güelfa”. In: FOLKE, Gernert (org.). *Letteratura cavalleresca tra Italia e Spagna (da Orlando al Quijote)*. Salamanca, Seminario de Estudios Medievales y Renacentistas, p. 261-284.
- . (2012) “Seducción (Làquesis), versus elecció i gràcia prevenint (Güelfa): El dilema de Curial (Mt 6,22-24)”. In: FERRANDO, Antoni (org.). *Estudis lingüístics i culturals sobre Curial e Güelfa*. Amsterdam/Philapelpia: John Benjamins Publishing Company, vol. 1, p. 327-362.
- Julien, Nadia (1992) *Dictionnaire des Mythes*. Alleur (Belgique): Marabout, 1992.
- Lauand, Luiz Jean (1988) *O Xadrez na Idade Média*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Le Bras, G. (1927) Verbete “Mariage”. In: *Dictionnaire de Théologie Catholique*. Paris: Letouzey et Ané, t. IX.
- Le Goff, Jacques (2008) *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Llorca; García Villoslada; Montalbán (1960) *Historia de la Iglesia Católica III. Edad Nueva*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.
- Pelikan, Jaroslav (2000) *Maria através dos séculos: seu papel na história da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Pernoud, Régine (1977) *Pour en finir avec le Moyen Age*. Paris: Éditions du Seuil.
- . (1980) *La Femme au temps des cathédrales*. Paris: Éditions Stock.
- . (1990). *La Femme au temps des Croisades*. Paris: Éditions Stock/Laurence Pernoud.
- Roschini, Gabriel M. (1947) *Mariologia*. Roma: Angelus Bellardetti Editor. 4 vols.
- Ruiz-Domènec, José Enrique (2011) “Sobre las mujeres en la Edad Media”. In: *Entre Historias de la Edad Media. Veintiún ensayos* (ed. de Almudena Blasco). Granada: Universidad de Granada, p. 257-273.

Armando Alexandre dos Santos. Misoginia e exaltação da mulher em obras literárias clássicas da Coroa de Aragão

- Sot, Michel (1991) “La genèse du mariage chrétien”. In: *Amour et sexualité en Occident*. Paris: Éditions Du Seuil, p. 193-206.
- Shea, George W. (1964) “Historia de la mariología en la Edad Media y en los tiempos modernos”. In: CAROL, J. B. (org.). *Mariología*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 267-306.
- Soler Molina, Abel. *La cort napolitana d’Alfons el Magnànim: el context de “Curial e Güelfa”*. Tese de doutorado. Universidade de Valência, 2016.
- . (2017) “Inico d’Avalos. La ‘caballería humanística’ y el Nápoles de Alfonso I: Curial e Güelfa.” *Archivio Storico per le Province Napoletane*. Volume CXXXV (2017), Nápoles, p. 33-60.
- . (2018) *Enyego d’Àvalos i l’autoria del Curial*. Valencia: Institució Alfons el Magnànim-Centre Valencià d’Estudis i d’Investigació.